

MOACYR SCLIAR

**aprendendo**  
a amar –  
e a curar

ilustrações  
Avelino Pereira Guedes

DÍALOGQ



editora scipione

*Responsabilidade editorial*  
Sâmia Rios

*Edição*  
Cristina Carletti

*Assistência editorial*  
Mario Sabino Filho

*Revisão*  
Thiago Barbalho

*Diagramação*  
Carla Almeida Freire

*Programação visual de capa e miolo*  
Rex Design



**editora scipione**

---

Av. das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
Tel.: (0XX11) 4003-3061  
www.coletivoleitor.com.br  
e-mail: scipione@aticascipione.com.br

---

2019  
ISBN 978-85-262-8611-5  
CL: 738136  
CAE: 265837

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
2.<sup>a</sup> impressão  
*Impressão e acabamento*

• • •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Scliar, Moacyr, 1937-2011

Aprendendo a amar – e a curar / Moacyr Scliar; ilustrações de Avelino Pereira Guedes. – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2011. (Série Diálogo)

1. Ficção – Literatura infantojuvenil I. Guedes, Avelino Pereira. II. Título. III. Série.

11-11326

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5



*“Na evolução pessoal de cada médico, há uma espécie de recapitulação da trajetória da medicina, no sentido de que a arte de curar precisa renascer cada vez que um estudante se aproxima, tímido ou arrogante, interessado ou enfadado, do seu primeiro paciente.”*

*Moacyr Scliar*

**U**m, dois, três. Testando, testando.

Um, dois, três, testando.

Vamos ver no que deu.

Bom. Vocês não se importam que eu grave, não é? Quero me ouvir depois. Não que eu goste particularmente do som de minha voz; não, não é propriamente música a meus ouvidos, prefiro Mozart ou os Beatles. Mas estou curioso, quero ver como vai sair esta palestra. Afinal é a minha estreia. Como a de vocês. Vocês estão começando o curso de Medicina; eu estou começando minha carreira de professor. Se a palestra ficar boa, talvez eu a publique. É bom publicar; difunde o conhecimento e diminui a ansiedade que todos sentimos; vocês em maior grau, eu em menor, ou talvez seja o inverso, não sei. Já saberemos.

Vejo que vocês são poucos. É sempre assim, o pessoal costuma faltar à primeira aula; acham que não é importante, e talvez tenham razão. Por outro lado, noto que alguns de vocês consultam disfarçadamente o relógio, num gesto de saudável impaciência.

Vocês querem começar logo, e nisto estão certos: a vida é curta, a arte é longa, dizia Hipócrates, o pai da Medicina.

Comecemos, pois. Eu deveria dizer, de início, que estar aqui com vocês é um prazer, um motivo de orgulho etc; aquelas coisas que todo mundo fala quando começa uma palestra. Mas a verdade é que me sinto intimidado. Vocês me intimidam. E me intimidam porque são jovens, porque estão começando, porque me olham em silêncio, porque estão sentados num auditório sombrio, tão sombrio que mal distingo as faces dos que estão sentados lá em cima. Aquela moça, por exemplo, que está sentada sozinha na última fila, sou capaz de jurar que a conheço, que a conheço muito, até. Se a conheço, chama-se Eunice. Se não a conheço, ela não precisa dizer o nome. Quero apenas, com minha dúvida, mostrar quão densas são as sombras deste auditório. Mas, perguntarão vocês, por que este sujeito não abre as cortinas e deixa o sol entrar? Há uma razão para isto, como vocês já verão, uma razão prática.

Intimidado ou não, aqui estou e devo falar. Sobre o quê? Foi o que perguntei ao chefe do Departamento. Sobre o que devo falar aos alunos? Sobre qualquer coisa, foi a resposta, esta é só a primeira aula, não tem grande importância. Isto ele me disse pelo telefone, falando da praia onde passa as férias. De férias estão também outros professores. Sou o único na cidade. Suspeito que este foi o critério maior na indicação da minha pessoa para a tarefa. Tarefa: sinto que não deveria ter usado esta palavra, mas outra não me ocorre e isto também é uma medida de minha angústia. Aliás, também não deveria usar esta poderosíssima palavra, angústia; mas, de novo, outra não me ocorre para descrever esta obscura sensação que se apossou de mim no momento mesmo em

que pousei o telefone. Isso foi há três dias; desde então, confesso, não pensei em outra coisa a não ser no que diria hoje para vocês. Uma noite saí a caminhar sem destino; acabei chegando aqui, a este prédio, a este auditório que, por alguma obscura razão, estava aberto. Fui sentar lá na última fila, ali onde está agora, imóvel, aquela moça. E ali fiquei, envolto nas mesmas sombras que agora a envolvem. Ou teriam sido outras sombras? Bem, não importa. Fiquei sentado, olhando para o ponto onde agora estou, tentando imaginar o que eu gostaria de ouvir, se fosse jovem, se fosse estudante. Na cápsula do tempo não se embarca sem riscos; é uma viagem que tem ponto de partida mas não tem destinação certa. Chega-se por vezes a locais distantes, a planetas remotos onde encontramos, em meio a uma paisagem árida e desolada, destroços, detritos, resíduos; objetos estranhos, ou, o que é pior, estranhamente familiares, enigmáticos achados que mais inquietam que esclarecem. Interrogando-me sobre minhas interrogações, acabei indo mais longe do que pretendia, e, quando vi, era minha vida que estava evocando. O que nem sempre é agradável, e muito menos à noite, na semiobscuridade de um auditório vazio. Contudo, achei uma resposta, se não para todas as dúvidas, ao menos para a questão inicial. Pensei em contar a vocês justamente isto, uma história de um médico. Não é exatamente um caso clínico como os muitos que vocês defrontarão; estes casos clínicos cuja descrição, em revistas médicas, começa de maneira clássica: um homem de trinta e oito anos vem à consulta por causa de uma grande angústia. Mas é um caso. Não chega a ser a história natural de um médico, um instrutivo paradigma; não sei se os médicos, como as doenças que eles tratam, têm história natural. Talvez não: somos tão diferentes, uns dos outros. Ou

talvez sim: somos tão semelhantes uns aos outros. De qualquer maneira, não tenho a pretensão de narrar uma história natural; é uma história, simplesmente. Que será ilustrada com a projeção de *slides*. *Slides* facilitam a exposição; e fazem convergir para uma tela todos os olhares. O que é bom.

Vamos então pedir ao nosso amigo Chico para projetar o primeiro *slide*. Aí têm os senhores o precursor do médico: o feiticeiro ou xamã. Esse é de uma ilha dos Mares do Sul, e a foto é recente, mas podemos supor, com razoável segurança, que assim eram também os feiticeiros há milhares de anos. Imaginem um homem primitivo acorçado no fundo de uma caverna, ou movendo-se nos úmidos recônditos das florestas tropicais; imaginem os riscos a que estava sujeito, animais atacando-o, pedras caindo sobre ele, doenças prostrando-o de repente. Sim, ele podia lamber os arranhões em sua pele, podia sugar o veneno das serpentes que o mordiam, podia botar barro ou folhas maceradas em seus ferimentos. Mas em algum momento a dor, ou a febre, ou o simples terror o venciam; em algum momento seus urros atrovavam os ares. Os malignos espíritos da doença o tinham vencido. Levavam-no então ao feiticeiro.

Este era um homem diferente, um ser de extraordinária força ou sabedoria; ou portador de alguma medonha deformidade; ou capaz de cair em transe. A ele competia enfrentar – no campo de batalha que era o corpo enfermo, coberto de suor e sacudido por convulsões – os demônios da doença. A estes, o feiticeiro não dava trégua; berrava com todas as suas forças para afugentá-los, ameaçava-os com seus amuletos e fetiches, soprava neles o acre fumo de plantas, usava esta grande, grotesca máscara de madeira que vocês estão vendo para afastá-los.

